

# Raoni: "Seu povo tem que respeitar meu povo"

É provável que não tenha havido, na Constituinte, um discurso mais convincente que o depoimento prestado no dia 7 de maio último, perante a Subcomissão de Nacionalidade, da Soberania e das Relações Internacionais, pelo cacique Raoni, Mentuktire da nação Kayapó (MT). Cara a cara com os parlamentares, ele não precisou recorrer a códigos, documentos, citações ou palavras difíceis para dizer que vida é vida, terra é terra e liberdade é liberdade. Com uma clareza de fazer inveja ao mais seguro orador da política tradicional burguesa, Raoni só teve que falar, nada mais, para deixar o recado das nações indígenas brasileiras. Dois momentos de sua fala que causaram muita impressão: 1) "Nós não é bicho. A polícia vai matar meu povo, vai assar, vai comer com farinha?"; 2) "Então, qualquer dia, seu povo vai matar meu povo; eu tenho que juntar pra matar seu povo também. Isto que estou pensando. Eu tenho que matar, assar, comer com beiju".

## A palavra

## do cacique

"Eu vou falar uma coisa pra vocês ouvir. Minha preocupação é muito séria. Antigamente, não tinha muita cidade aqui no Brasil. Meu pai contava muita história pra mim. Eu não esqueço aquelas histórias antigas..."

"Nós nasceu primeiro, aqui no Brasil. O nome do homem era Iperere; na sua língua chama Deus. Quem fez a terra pra nós foi esse homem que chama Iperere. Iperere fez terra pro nosso índio.

"O primeiro avô que morava aqui andava toda parte aqui no Brasil. Aqui não tinha briga, não tinha complicação e confusão. Meu pai contava história antiga, contava sempre pra mim que branco português veio do outro lado pra cá, rio e mar atravessando. Começou a brigar com o nosso avô, matava muito, roubava mulher, criança... Isso meu pai contava pra mim.

"Então, sempre penso na palavra do meu pai. Ele era um grande homem, homem de peito, homem guerreiro. Hoje temos muito problema no meu povo. O povo dos senhores matava o meu povo, coitado!

"Então vou procurar explicar mais pra vocês, pra vocês ouvir a minha idéia. Minha idéia é muito importante pro meu povo. Então, sempre tou vendo que o seu povo, polícia e soldados tão mexendo na área do meu povo, tão querendo matar, atirar, acabar.

"Por que? Nós não é bicho. A polícia vai matar meu povo, vai assar, vai comer com farinha? Nós não acha isso boim. Eu não acho bom, Tenho que avisar todo mundo: a polícia tem que respeitar o meu povo. Eu respeito vocês. Tou procurando explicar mais o que tou pensando.

"Toda a terra do meu povo tá ocupada. Lá tem garimpo, tem madeireira, tem fazendeiro, que tava mexendo na terra do meu povo, dentro da área. Eu tou explicando pra vocês, pra vocês lembrar minhas palavra. Só eu respeito seu governador aqui?!

"Vocês tão pensando que avô

seu nasceu primeiro aqui? Vocês tão pensando isso? Nós nasceu primeiro, aqui. Brasil inteiro. O nome do homem, na língua nossa, Kaiapó, é Iperere. Iperere, na língua sua, é Deus. Deus que nasceu primeiro. Na língua nossa, Kaiapó, chama Iperere, homem importante, homem feito.

"Antigamente não tinha nem comida boa. Hoje tem comida boa pra nós. Eu não quero que acaba a vida do nosso índio, eu não quero que acaba a cultura do índio. Eu quero que índio continua a vida do avô, o pai, a mãe: pintar, passar urucum, dançar... Isso que eu quero. Eu tenho explicado pra vocês, pra vocês ouvir e lembrar a minha palavra. Vocês tem que pensar, vocês tem que respeitar meu povo. Meu povo tava morrendo na mão do seu povo. Eu não aceito.

"Nosso índio não é bicho. Vocês também não é bicho. Nós tem cara, a mesma coisa; nós tem língua, nós tem orelha, nós tem olho, nós tem pé, a mesma coisa de vocês.

"Eu tenho usado o meu botoque, minha vida, meu documento. Meu orelha é documento também. Eu tava querendo entrar aqui e aquele presidente da Câmara não me deixou. Polícia não me deixou. Quase eu bato na cara do polícia. A polícia tem que respeitar eu, tem que respeitar nossa comunidade.

"Eu tou falando sério pra vocês: vocês tem que lembrar minha palavra, vocês tem que respeitar o meu povo, vocês tem que brigar pro seu povo e tem que respeitar o meu povo, coitado!

"Aquele dia, o meu primo, a terra dele... a Polícia Militar entrou lá na área dele, deu um tiro. Criança e mulher foi correr no mato. Por que? Então, qualquer dia, seu povo vai matar meu povo; eu tenho que juntar pra matar seu povo também. Isto que estou pensando. Eu tenho que matar, assar, comer com beiju.

"Vocês tão pensando que nosso índio é mole? Vou só pedir uma coisa; pergunto uma coisa pra vocês. Eu tenho medo da igreja de vocês. A igreja de vocês é muito mau, muito duro. Tão acabando a vida de nós. Meu povo também tem que pensar bem. Ele tava casando com branco, misturando com branco. O branco não respeita mais meu povo, coitado! Meu povo já perdeu a cultura, já perdeu a vida. Hoje nós usamos camisa de vocês. Quando eu venho aqui na cidade, eu uso a camisa; quando eu chego na aldeia, eu tenho de tirar a camisa e jogar fora. Pintar, dançar, isso que é coisa bom pra mim.

"Eu não quero seu povo casa mais com meu povo. Seu povo não pode dar mais pinga, não pode dar mais cachaca para meu povo. Meu povo não sabia que coisa seu é mau. Eu sei que vocês têm muita força, têm muita gente; nós tamos acabando na mão de vocês. Eu tou querendo que vocês têm que deixar nossa terra. Nós é dono da terra. Então, isso é que é.

"Tenho que levar meu parente lá na presidente da Câmara. Muito obrigado pra vocês."

